

USOS DA CRÔNICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: TEMPO E PAISAGEM EM RACHEL DE QUEIROZ

REGMA MARIA DOS SANTOS*

O propósito deste artigo é apresentar, dentro do debate sobre os usos de variadas fontes no ensino de história, o uso da crônica literária como documento de análise e reflexão a ser utilizado em sala de aula abordando as temáticas do tempo e da paisagem.

Acreditamos que, para abordar qualquer gênero literário no ensino de história, necessário se faz a compreensão de suas características e estruturas. Ao pesquisarmos a crônica é importante considerar alguns aspectos, como sua relação direta com o jornal, o que a caracteriza, aparentemente, como breve e fugaz.

Silvia Helena Simões Borelli (1996) considera que a crônica relaciona as práticas literárias àquelas das práticas jornalísticas, que são, muitas das vezes, relacionadas à dicotomia entre cultura erudita e cultura de/para massas.

Para esta autora os cronistas são narradores, que, com sua escritura, resgatam tradições e matrizes culturais originárias. “Na crônica, tradições e rupturas, articuladas, tornam-se visíveis e falam, pela voz do cronista, historiador, intérprete, contador de histórias na modernidade.”(BORELLI, 1996: 84)

A questão de a crônica pertencer ao gênero literário ou ao gênero jornalístico deixa de ser primordial quando compreendemos, conforme analisa Haroldo de Campos, o surgimento dos chamados gêneros híbridos, a partir das articulações entre a grande imprensa e a literatura, e de seu particular efeito na América Latina.

Mesmo na Europa a definição de crônica é muito controversa. Conforme De Diego:

Las dificultades para definir la crónica periodística son muchas. El de ‘crónica’ es un concepto polisémico (con múltiples significado) y, a

* Professora Associada UFG/Câmpus Catalão no curso de História. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP; Mestre em História pela PUC-SP e Pós-doutorado em Educação pela UFU/UAB(ES).

diferencia de la entrevista o el reportage, previo al periodismo.[...] Habitualmente las relaciones entre periodismo y literatura suscitan una controvertida discusión académica entre quienes encuentran ambos âmbitos estrechamente liados y quienes, por el contrario, estiman que los objetivos de ambos resultan muy diferentes[...] (DE DIEGO, s/d, p.13)

As características ambíguas da crônica, todavia, longe de revelarem sua fragilidade, expressam sua potencialidade. Retomando o aspecto cultural, como enfatiza Borelli; na crônica estão presentes elementos híbridos que expõem a capacidade de diálogo do escritor com seu tempo e seu público. Luiz Roncari também partilha desta concepção, no entanto, localiza-a numa zona de fronteira, absorvendo elementos da alta e baixa cultura. (RONCARI).

Porém, acreditamos que, para além da fronteira, a crônica atua numa dimensão cultural “circular”, como aponta Bakhtin. A crônica, escrita no jornal, como pertencente à cultura letrada, também dialoga com o popular, revigorando uma tradição oral, no tom coloquial de sua performance. Por outro lado, ela também é veiculada por um meio de comunicação de massa. Lembramos ainda suas múltiplas apropriações pela TV, pelo rádio, pela internet, que inventaram cada qual, sua forma de divulgá-la.

Ainda segundo Borelli (1996), o cronista possui a necessidade de captar esse instante poético e transformá-lo em narrativa, sendo tão ágil como o tempo que passa. A crônica, escrita no jornal, em pleno século XX e XXI, é o lugar privilegiado do entrecruzamento do fato cotidiano e do acontecimento. Em uma sociedade da rapidez, que acopla elementos de formação cultural de diversas origens, dentre esses, os processos midiáticos, a narração do cotidiano transforma-se potencialmente em memória e história. (SANTOS, 2005:108)

Neste sentido propomos ampliar o estudo que vem sendo desenvolvido do ponto de vista teórico para a prática didático-pedagógica, ou seja, utilizar a crônica como documento de análise histórica em oficinas a serem realizadas, procurando, numa perspectiva interdisciplinar aliar o conhecimento histórico à produção literária.

Conforme Fonseca (2005) podemos compreender a interdisciplinaridade não como uma fusão de conteúdos, mas como uma “interpenetração” de conceitos, dados e metodologias. A interdisciplinaridade, segundo Fonseca, pressupõe “a integração entre

os conteúdos e as metodologias de disciplinas diferentes que se propõem a trabalhar conjuntamente determinados temas” (FONSECA, 2005: 106).

Ainda conforme Fonseca (2005) entre as principais discussões com relação às metodologias de ensino nos últimos 20 anos está o uso de diferentes linguagens e fontes no ensino de História. E aponta para as pesquisas universitárias envolvendo as práticas de educação escolar que utilizam imagens, obras de ficção, artigos de jornais, filmes e programas de TV. Para a autora a mudança na opção metodológica ajuda a ampliar o olhar do historiador, ”tornando o processo de transmissão e produção de conhecimentos interdisciplinar, dinâmico e flexível” (FONSECA, 2005: 163).

Ao pensarmos a crônica como gênero literário não podemos deixar de considerar os estudos sobre a relação história e literatura. Challoub e Pereira(1998) propõem a historicização da obra literária, seja ela conto, poesia, crônica ou romance, inserindo-a no movimento da sociedade, investigando suas redes de interlocução, destrinchando a forma como constrói e representa sua relação com a realidade social.

Os autores propõe pensar a literatura como um documento que deve submeter-se ao interrogatório dos historiadores sem sacralizá-la. “Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico.” (CHALLOUB e PEREIRA, 1998:7) . O seu sentido não se esgota nas leituras já canonizadas sobre autores e gêneros, ou por anteciparem práticas narrativas.

A partir desse debate acreditamos que o historiador deve tomar o texto literário como uma representação social, construída a partir de uma determinada historicidade, e como componente de práticas culturais de observação sensível da realidade.

Quanto ao uso da crônica no ensino de história encontramos poucas referências. Dentre essas a mais expressiva é o livro da Prof. Magali Engel (UFF), no qual a autora considera que as crônicas por serem textos curtos, destinados a um público mais amplo, têm maior familiaridades de podem despertar o interesse dos alunos no ensino básico. O livro utiliza a produção de três cronistas cariocas: Lima Barreto, João do Rio e Olegário Mariano. Por meio de suas crônicas a autora procurou também fazer uma abordagem interdisciplinar com professores de português, literatura e geografia tratando de questões comuns, como o meio ambiente.

Cientes destas abordagens sobre o uso da crônica como fonte para história e como recurso didático propomos analisar as crônicas de Rachel de Queiroz que abordam o tema do tempo e da paisagem.

Tempo e paisagem em Rachel de Queiroz

Pàges Blanche(1999), em interessante artigo sobre o uso das fontes literárias no ensino de história chama atenção para o fato de que a literatura e a história mantêm relações muito estreitas e que a proximidade entre a última e a crítica literária e a história literária é mais fluída do que a relação entre ensino de história e ensino de literatura. Nessa perspectiva o autor considera também ser possível pensar em duas perspectivas ao tratar da literatura no ensino de história. A primeira delas seria disciplinar, na qual a literatura seria uma fonte para a história. A segunda perspectiva seria interdisciplinar, na qual história e literatura, tendo a mesma importância, possibilitariam compreender profundamente o período estudado.

Acreditamos que a perspectiva interdisciplinar seria a mais interessante para pensar a crônica, já que devemos observá-la não como somente portadora de um conteúdo complementar, mas com suas características específicas, onde se inclui a própria história da crônica, suas características, e os elementos de linguagem que ali aparecem de maneira mais evidente, como a ironia, a metáfora, o lirismo, dentre outros. E é, nessa perspectiva, que pretendemos abordar a temporalidade nas crônicas de Rachel de Queiroz.

Ao construirmos estas reflexões sobre história e tempo, acreditamos que, como formula Sobejano e Torres Bravo “La historia no es la ciência del pasado, como tantas veces se repite, sino la de las sociedades en el tiempo sin excluir ningun período ni lugar”.(2009: p.105).

Ainda, conforme estes autores na atualidade procura-se analisar o tempo em sua complexidade e multiplicidade. E ainda: [...]el más englobante es la dualidad cambio-permanencia”. Para eles esta perspectiva de aprendizagem de história permite considerar a existência de três graus de dificuldade, que são: a dificuldade de entender a

ideia de sucessão e simultaneidade; o que são: acontecimento, conjuntura, estrutura e período e também a interrelação temporal e a multiplicidade de causas e consequências.

Procuraremos, ao analisar as crônicas que se seguem, estar atento para essas questões, procurando explorá-las por meio da crônica.

Na crônica “Saudade” Rachel de Queiroz inicia dizendo não sentir saudade de nada, nem da infância, nem de quem morreu. Diz, sobre quem morreu, sentir falta, a ausência, a vontade da presença, mas não do que já passou. Para ela “a vida é uma coisa que tem de passar, uma obrigação de que é preciso dar conta. Uma dívida que se vai pagando todos os meses, todos os dias.[...]” (p.104).

Constatamos nessas observações a certeza que a autora tem da irreversibilidade do tempo. Sempre vamos adiante, a vida é passageira. Para ela a capacidade das pessoas de “morrer de saudade” só afeta a quem não amadureceu suficientemente. Sobre sua infância diz ter sido amada, protegida, sem lágrimas. Na mocidade vive-se o período dramático da vida, a fase dos conflitos, dos ajustamentos e desajustamentos difíceis, é a “idade dos suicídios, dos desenganos e por isso mesmo dos grandes heroísmos. [...] A idade em que se descobre a solidão irremediável de todos os viventes” (105)

Consideramos importante ressaltar que tanto na literatura, como na história a reversibilidade é possível. Conforme Felio y Hernández : “[...]podemos estudiar el paso del tiempo desde el presente al pasado y desde el futuro al presente. En el caso de la historia, nada impide partir de la situación actual para ir remontando a estudios anteriores”.(p.26)

Sobre a idade madura diz a autora que já não há tantas surpresas, os desenganos são poucos. Sobre a morte, que é para ela “amante dos moços e companheira dos velhos”, é um capítulo sempre presente em todas as idades, mas para os velhos vai se tornando aos poucos uma “velha amiga” que se anuncia devagarinho.

No último parágrafo compreendemos que autora tem um interlocutor que parece ser o seu marido, para quem faz uma confissão: “Não, meu bem, não tenho saudades. Nem sequer do primeiro dia em que nos vimos[...]” Diz ainda considerar esses dias uma benção, mas esse foi um passado que ficou para trás. E assim conclui: “E ainda virá a grande crise da morte em quem um dia um de nós, necessariamente, terá de ajudar o

outro. Espero que aquele que ficar só, embora triste, se sinta tranqüilo, na segurança de que a sua vez não tarda. Que aí, só lhe resta pagar a última prestação.”(1989, p.105).

Nesta crônica a questão do tempo é pensada a partir da idéia de irreversibilidade e das fases e sucessões da vida humana. A infância, a juventude, a velhice e a morte, fazem parte desse processo. A autora, como sabemos, tem uma leitura marcada pelo materialismo marxista e suas formulações, mesmo aquelas nas quais trata dos sentimentos individuais e de sua famílias, são pontuadas por uma visão bastante assertiva da vida, dos seus desdobramentos e conseqüências.

Porém, na crônica, “Nosso eu maravilhoso” de maio de 1949, a cronista aponta a idéia da continuidade, como se tratasse de um “eterno retorno”, que tem justamente a ver com a vaidade humana e sua pretensiosa percepção de que o mundo gira em torno de si mesmo. A autora sugere, para provar suas percepções, conversar com um idoso que está na praça com seu neto. A autora diz:

[...]Sim, é por isso que o ama: porque espera que o neto não o deixe esquecido, que continue e prolongue seu nome, a sua vida, os seus sentimentos, a sua fortuna, até mesmo os seus defeitos; consolado ao verificar que aquela coisa preciosa e mágica e única que é a sua personalidade, não será perdida quando se vir forçado a morrer. (1989, p.91)

Na crônica “História da velha Matilde” a autora narra uma história contada a ela por uma filha de escravos nascida sob a lei do ventre livre. A história contada pela velha Matilde e recontada por Queiroz nos remete à ideia do narrador de Benjamin, que reatualiza os temas cotidianos no tempo por meio da narrativa. A história, que parece inverossímil, aborda o fato de um mineiro que estava indo em direção ao Piauí, ter encontrado uma moça que se agarrou ao seu cavalo pedindo-lhe ajuda.

O rapaz assustado parou o cavalo e perguntou a moça porque era perseguida e ela lhe respondeu que os homens a perseguiam para comê-la. Enquanto isso os homens se aproximaram e o rapaz os perguntou se isso era verdade e eles confirmaram que sim: “alegando que a grande fome que os levava àquilo; sem gado, sem criação, sem legumes, iam-se comendo uns aos outros, escolhendo em primeiro lugar as mulheres que são mais gordas e mais fracas”.(1989, p.21). A fome e a seca são temas sempre presentes na narrativa de Rachel de Queiroz. Desde abordagens ficcionais em seus

romances até narrativas de narrativas como essa feitas a partir de uma crônica, esse tema reaparece, como se estivesse em uma dimensão atemporal.

Ao final da história ficamos sabendo que o rapaz deu aos homens famintos sua mula de carga e levou a moça consigo. Apesar de ser casado teve com ela filhos que foram tratados como seus, sendo que um deles se tornou padre e outro doutor.

Esta crônica escrita em junho de 1946 não nos fornece elementos para saber se realmente tal fato aconteceu, se foi real ou não, mas aqui o que interessa é a capacidade da autora de atualizar um tema que faz parte de uma memória coletiva.

Ainda neste caminho da temos a crônica escrita em 1952 com nome de “Memórias”. A autora começa descrevendo que no sertão memória significa talento, como na fala do cantador que cita que: “Não há homem como o rei. Nem mulher como a rainha, nem santo como Deus, nem memória como a minha.” Para a cronista isso quer dizer que não há poeta igual a ele com tanta “verve, inspiração, memória”. (p.128).

E a autora se questiona se memória não será mesmo talento, e fala sobre o quanto haverá de recordação no talento literário e o pouco de inventividade. Mas pondera: “talvez o talento seja, em verdade, apenas a faculdade inconsciente de escolher entre a sucata que a memória armazenou. Ou, pior ainda, talvez o talento seja exclusivamente memória, mais nada. Uma memória mais discriminativa que outras, uma memória com bom gosto”.(2009: 129).

Rachel de Queiroz trata ainda da incapacidade que padece o homem de conceber coisas fora da sua experiência. Para exemplificar essa situação fala dos filmes de ficção científica que estão em moda, mas que não fazem mais do que seguir os modelos que a natureza já lhes deu. Ela comenta sobre isso: “eles apelam para marcianos e venusiano e selenitas, fazem anões e homúnculos, homens-ave, homens-peixe, homens-fera, homens-vegetais, mas são todos incapazes de imaginar um ser qualquer que não tenha forma antes inventada pela natureza.” E ainda cita sua irmã: “[...]nem Freud, nem Cristovão Colombo,[...] seriam capazes de fugir à batida rotina do já existente.”(1989: 129).

Para Rachel de Queiroz uma boa memória é a qualidade básica do romancista. “Memória para os fatos, memória para a vida, principalmente memória de si mesmo. Ir

enrolando a meada enquanto vive, para desenrolar enquanto escreve”. Sobre isso pondera que há comentários pontuando lembranças, há escolhas sobre o que recordar, há disfarces mascarando as recordações. No entanto reafirma: “Mas memória, memória do consciente e do subconsciente, lembranças acumuladas, imagens, recordações – isso constitui a matéria-prima. Que seria de Proust, ou antes, existiria Proust, se não fossem as suas memórias?”(1989:130)

Considera ainda a autora que “o escritor que vale, o que comove, o que impressiona, é o que põe às vísceras à mostra, das mais nobres às mais sórdidas – coração ou tripa – [...]O que se vira pelo avesso e se dá todo, sangrando, chorando[...]. (1989: 130)

É interessante destacar que a memória se constitui como um produto que cria significados e resignificações, é uma construção, um processo “en el qual l’escola i l’ensenyament de la historia han de tenir, dès de la nostra perspectiva, um rol actiu.” (GONZALES, PÀGES, 2009: 19)

Ainda conforme Gonzales e Pàges: “com es pot observar, narració, identitats, testimoni, tradicions, experiències, transmissió, diàleg, ressonem insistentment quan parlem de memória, història i ensenyament de la història.(2009, p.26)” O que constatamos lendo esta crônica é justamente a ideia memória como ponto de partida para a experiência da escrita, que se transformará em uma outra memória, criando outros significados.

A crônica “Chegar em casa” trata da ausência e depois do retorno à casa. Nela podemos observar como a paisagem do tempo reconfigura a paisagem e a as relações humanas, mas também como algumas coisas permanecem como antes. Diz a autora:

Depois de tantos anos e anos de ausência intermitente, a sensação de recuperar o que era nosso e largamos – a casa, dantes casa nova, virando agora em casa velha, vergando ao peso da massa de trepadeiras que outrora eram apenas finos fios verdes se enrolando em festões em torno das colunas no alpendre. (p.71)

A paisagem foi reconfigurada pelas árvores que cresceram ou morreram, os móveis da casa encontram-se envelhecidos ou quebrados. Mas, filosofa a cronista: “[...]contudo, que mais mudou é o que aparentemente não muda nada. No açaude velho,

por exemplo, a água é nova; e quanta água nova já o encheu, já se evaporou, já correu pelo sangradouro[...]. Tudo parece o mesmo, mas nada é o mesmo, conclui a autora: “do que houve e já passou só resta a cópia em série das gerações seguintes – e as folhas dos manacás, e os insetos, e os bichos grandes e os patos que pescam na água parada debaixo do canavial – tudo é novo”. (p.72)

Observa a cronista que ao se chegar em casa tudo parece igual e imutável e o que se manifesta é uma espécie de saudade que não se pode explicar. E mais uma vez pondera: “Só aos poucos compreendemos que a vida da gente é comprida demais em comparação com a curta vida de quase tudo que se amamos, seja um cachorro, uma planta, um passarinho.” (p.72)

Diante disso a cronista sugere habituar-se à casa velha como se tratasse da chegada em uma casa nova que não se conhece. Para ela: “iguais são só as aparências; a realidade essencial de tudo mudou completamente”.

Podemos observar nessa crônica a dimensão múltipla do tempo que provoca mudança, alterações, mas também permanências, ou sensações de que algumas coisas são imutáveis. Para além da perspectiva de uma memória emotiva provocada pelo retorno à casa de infância podemos compreender também a sensibilidade aguçada da autora ao “retornar” ao que foi o seu passado.

Conforme Felio y Hèrnandez:

a partir de la observacion sistemática de los mas diversos fenômenos próximos: crecimiento y transformaci3n de una planta, de un animal, de un paisaje seg3n horas o d3as, etc. Deberá constatarse qué aspectos cambian a mayor velocidad, es decir, los que constituyen lo que es propriamente el cambio, y los que permanecen o cambian muy lentamente, es decir, los que constituyen la continuidad.” (p.27)

Nesse sentido, concluímos que a cronista apresenta visões particulares sobre a história, sobre memória, sobre os lugares de memória, permitindo compreender a relação entre o individual e o coletivo.

Lotman (1990) chama atenção para o fato de que a escrita é um dos mecanismos da memória, mas a escrita não pode ser considerada a principal, ou a única forma de memorização. Segundo Lotman, supõe-se que a memória é para lembrar o excepcional, o que ocorre pela primeira vez, ou acontecimentos imprevistos, estas são as naturezas de

acontecimentos registrados em crônicas e em jornais, para os quais a escrita é essencial. Mas outros registros da memória coletiva não necessitam de uma reportagem de jornal, mas de um calendário, ou um costume ritual que permita a tudo ser armazenado.

Paul Zumthor apresenta-nos, em suas reflexões, que memória e esquecimento são instrumentos indissociáveis, e sua aparente oposição é da mesma ordem que separa o tempo e a eternidade, o corpo e a alma, o pecado e a inocência.

Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência no dia a dia.[...] Ela desconecta, corta o contato imediato que temos com nossa história no momento que a vivemos. Ela nos afasta daí um pouco, permitindo que se crie uma perspectiva (mesmo míope) ao tempo em que se instaura uma espécie de repouso paradoxal.(1997: 15)

Ao encerrar essas reflexões voltamos a citar Pàges y Santisteban já que sintetizam, em uma curta frase, a importância do tempo, sua complexidade a necessidade de uma mirada transdisciplinar para sua compreensão, ou ao menos, uma tentativa de fazer-lo:

El tiempo es un concepto de gran complejidad y sólo lo podemos comprender desde una mirada amplia y transdisciplinar. El tiempo está presente en nuestra vida, una vida organizada alrededor del reloj, los horarios y el calendario. El tiempo está presente en nuestro lenguaje y nuestras actividades: esperamos, desesperamos, hacemos tiempo, perdemos, recortamos, alargamos el tiempo, damos o nos toman tiempo. El tiempo pasa rápido y lento, se acelera o, incluso, ¿se detiene? El tiempo es historia, la nuestra y la de todas las personas, es pasado colectivo, es interrelación de pasado, presente y futuro. (2010: 282)

Partindo desses aspectos, não descartando a fundamental importância que a crônica carrega, percebe-se, que a crônica se trata de um gênero literário que pode ser utilizado como documento histórico, e como uma fonte de produção do conhecimento histórico, que integrada ao jornal, acaba sendo um sólido lugar de memória.

Apostamos nesse trabalho, nas possibilidades, e na inovação do ensino de história, com a utilização e a análise dessas crônicas produzidas, como material pedagógico de apoio, para fazer todo esse entrecruzamento. E será, este entrecruzamento de olhares sobre o cotidiano, que possibilitará a interdisciplinaridade, a partir do qual os alunos, ao escreverem suas crônicas, ampliaram mais ainda suas percepções.

REFERÊNCIAS:

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense e emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Educ/Estação Liberdade, 1996.

FELIU TORRUELA, Maria y HERNÁNDEZ CARDONA. F. Xavier. *Enseñar y aprender historia*. Barcelona: Ed. GRAÓ

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas-S.P: Papirus, 2005

LOTMAN, I. *Universe of the mind*. London: Tauris, 1990.

PAGÈS BLANCH, Joan. “Consciència i temps històric ». *Perspectiva Escolar*, nº 332, 2-8., 2009.

_____ i GONZÁLEZ, M. Paula. *Història, memòria i ensenyament de la tóriaria: conceptes, debats i perpectives*. In: _____. *Història, memòria i ensenyament de la història: perspectives europees i llatinoamericanes*. Barcelona: UAB, 2009, p. 11-32.

_____ y SANTISTEBAN FERNÁNDEZ, Antoni. *La enseñanza y el aprendizaje del tiempo histórico em la educación primaria*. *Caderno CEDES*, Campinas, vol. 30, n. 82, p.281-309, set-dez, 2010.

_____ y BENEJAM, Pilar. (coords.) *Enseñar y aprender ciencias sociales, geografía e historia en la educación secundaria*. 4 ed., Barcelona: I.C.E. Universitat Barcelona/Editorial Horsori. 2004.

QUEIROZ, Rachel. *Obra Reunida*. Vol.4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SOBEJANO SOEJANO, Maria Jose Y TORRES BRAVO, Pablo Antonio. *Enseñanza de la historia en secundaria: historia para el presente y la educación ciudadana*. Madrid: Editorial Tecnos, 2009.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.